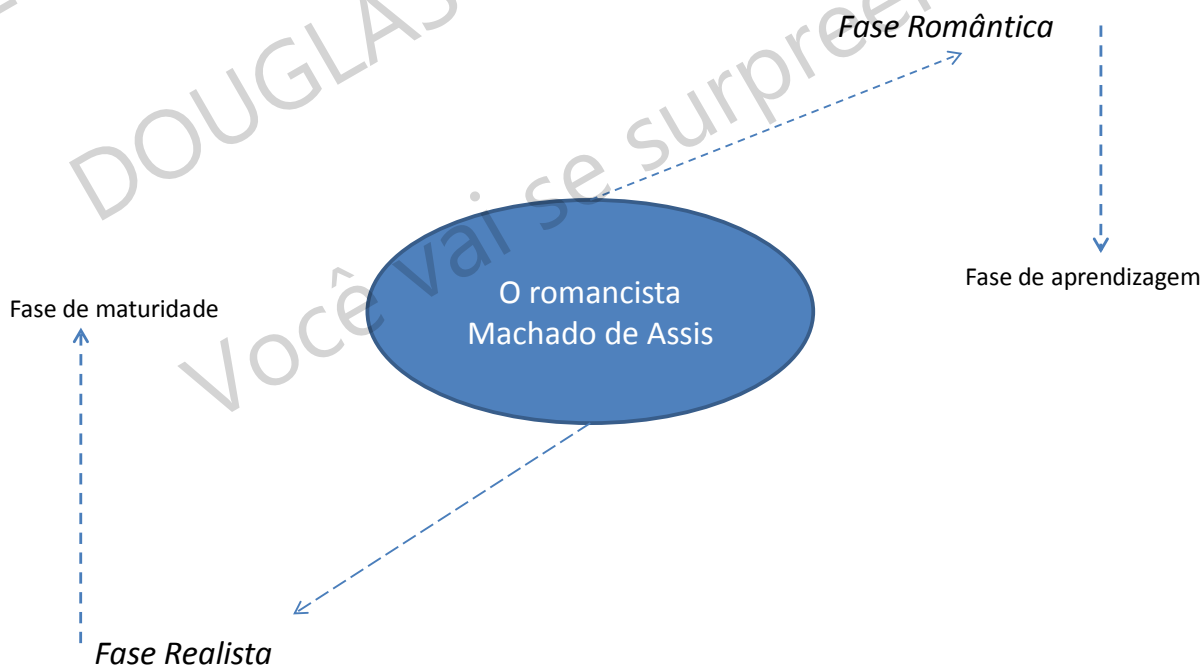


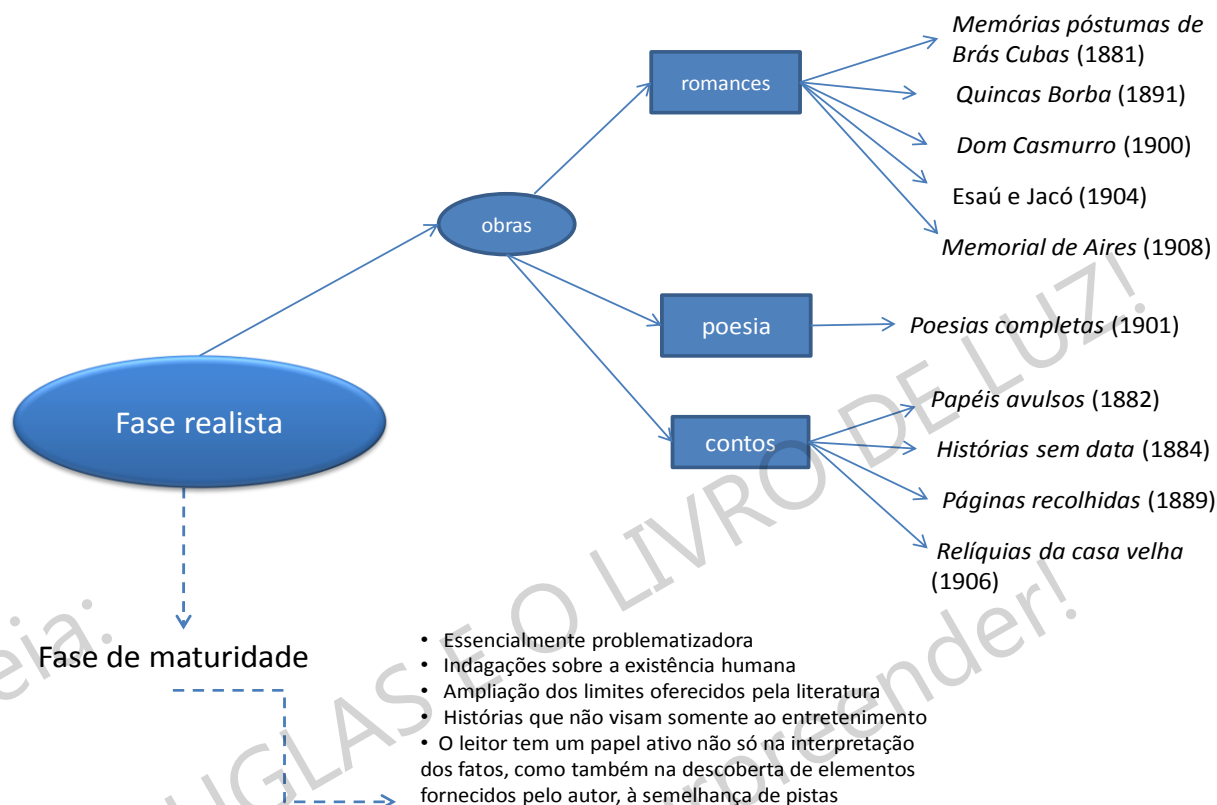
O FIO DO MACHADO

Divisão de sua obra

Convencionou-se dividir a obra de Machado de Assis em duas fases: uma chamada – de forma imprópria – de romântica e a segunda fase, a da maturidade, ou realista. Dizemos que a primeira é impropriamente chamada de romântica, pois já é possível observar muito do Machado de Assis maduro, quando vemos uma abordagem psicológica das personagens, a questão do interesse em meio às ações humanas, o humor reflexivo (e que leva à reflexão) e a concisão. Tais características não são encontradas nos romances românticos, salvo algumas incursões isoladas como uma certa abordagem psicológica em *Senhora* de José de Alencar, por exemplo.



Divisão das obras do autor:



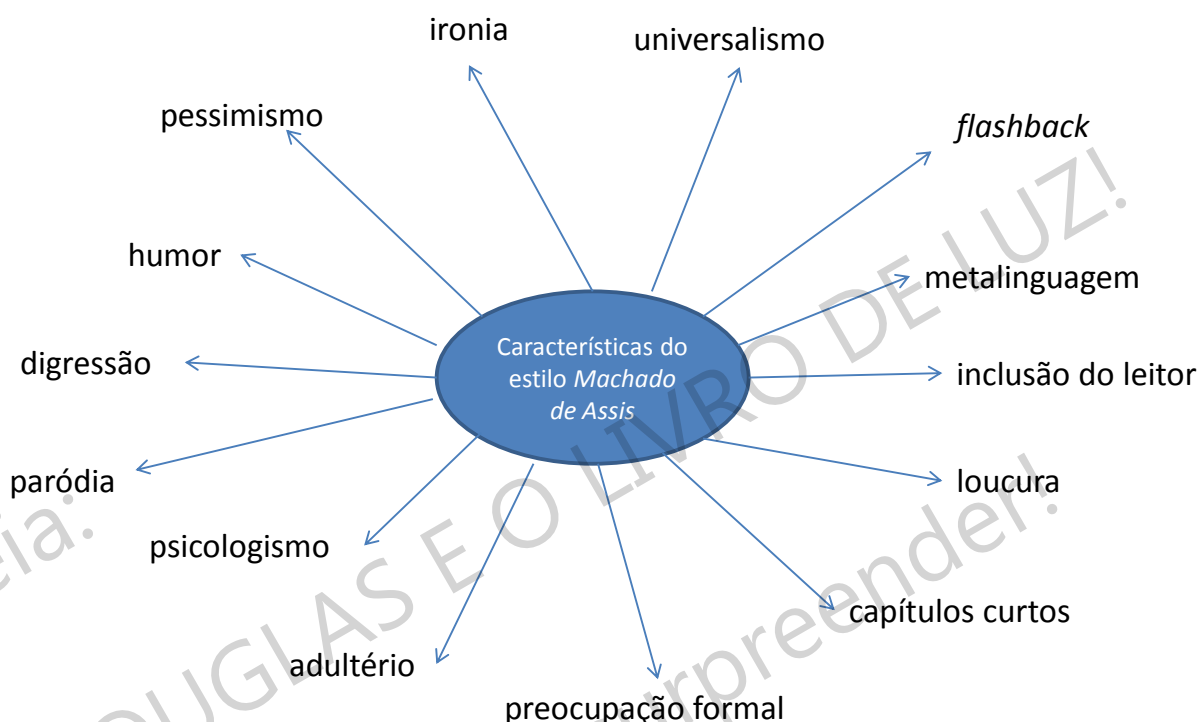
No entanto, não se pode, simplesmente, enquadrar Machado de Assis dentro desta ou daquela escola literária, visto que o autor conseguiu extrapolar qualquer paradigma. Só para exemplificar, tomemos os *pais* do Realismo e do Naturalismo, Flaubert e Zola. Para o autor de *Madame Bovary*, o romance deveria narrar-se a si mesmo, dessa forma há uma supressão do narrador, que se esmaeceria durante a narrativa; para o de *Thérèse Raquin*, a realidade deveria ser explorada em seus mínimos detalhes. Machado, por sua vez, vai além disso, cultivando o incompleto, o elíptico, o fragmentário; intervém na narrativa para conversar com seu leitor ora para filosofar, ora para comentar o romance.

Verificam-se, no conjunto de sua obra, elementos

- a) clássicos: concisão, equilíbrio, universalismo;
- b) românticos: narrativas convencionais;
- c) realistas: crítica dos valores sociais e morais, objetividade;
- d) impressionistas: recriação do passado por meio de *flashs* da memória.

É possível, inclusive, encontrar em Machado de Assis uma antecipação da própria estética moderna com sua estrutura fragmentária, a não linearidade, o gosto pelo elíptico, a metalinguagem, a não-conclusão, o que permite várias leituras e interpretações.

Características do estilo Machado de Assis:



Dom Casmurro

Publicado em 1900, a obra é narrada em primeira pessoa. Temos a história de Bento de Albuquerque Santiago que, com cerca de 54 anos e alcunhado por Dom Casmurro, vive no subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, no Engenho Novo, de forma quase reclusa em uma casa construída segundo os moldes daquela que fora a de sua infância, na Rua de Matacavalos.

Órfão de pai, criado com desvelo pela mãe (D. Glória), protegido do mundo pelo círculo doméstico e familiar – tia Justina (viúva), tio Cosme (advogado), José Dias (agregado) –, é destinado à vida sacerdotal, em cumprimento a uma antiga promessa que fizera sua mãe caso tivesse um segundo filho, já que o primeiro morrera ao nascer.

A proximidade, a convivência e a idade haviam feito com que os dois vizinhos e amigos criassem afeição um pelo outro. D. Glória, ao saber disto, fica alarmada e decide apressar o

cumprimento da promessa. Bentinho pede ajuda a José Dias para impedir que D. Glória cumprisse sua decisão. Apesar de sofrer com a separação, a mãe envia o filho para o seminário.

No seminário, Bentinho conhece Ezequiel de Souza Escobar e tornam-se amigos e confidentes. Capitu, por sua vez, começara a freqüentar, assiduamente, a casa de D. Glória, começando uma afeição recíproca entre as duas

José Dias sugere a D. Glória que adotasse algum órfão e lhe custeasse os estudos, já que prometera a Deus dar-lhe um sacerdote, mas não este tivesse de ser necessariamente seu filho. Bento deixa o seminário.

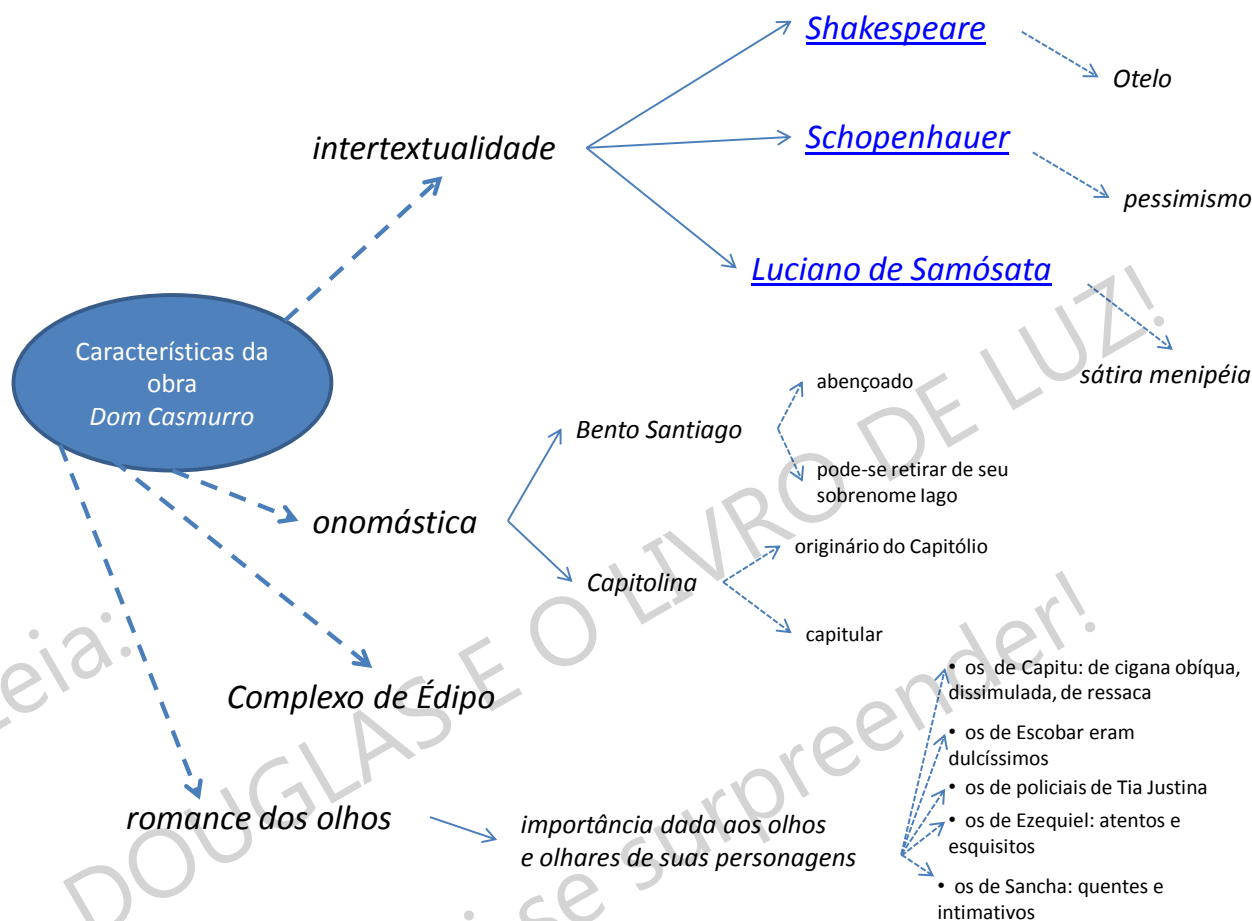
Bentinho forma-se em Direito e casa-se com Capitu. Além disso, estreita a sua amizade com Escobar, que acabara se casando com Sancha, amiga de Capitu. O escritório de advocacia progride e a felicidade do casal seria completa não fosse a demora em nascer um filho. Isto faz com que ambos sintam inveja de Escobar e Sancha, que tinham tido uma filha. Anos mais tarde, do casamento de Bentinho e Capitu nasce Ezequiel.

Escobar, que gostava de nadar, morre e, durante seu enterro, Bentinho julga estranha a forma como Capitu contempla o cadáver. A partir daí, os ciúmes vão aumentando e precipita-se a crise. À medida que cresce, Ezequiel se torna cada vez mais parecido com Escobar. Bentinho, cego de ciúme, chega a planejar o assassinato da esposa e do filho, seguido pelo seu suicídio, mas não tem coragem.

Capitu viaja com o filho para a Europa, onde morre anos depois. Ezequiel, homem formado, volta ao Brasil para visitar o pai. Este, simplesmente, constata a semelhança entre e antigo colega de seminário. Ezequiel parte para uma viagem de estudos científicos no Oriente Médio, já que era apaixonado da arqueologia, mas onze meses depois morre de uma febre tifóide em Jerusalém, onde é enterrado.

Bento isola-se e procura *atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência.*

Análise da obra *Dom Casmurro*



Quando o narrador Bentinho se propõe a *atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência*, revela-nos que o memorialista do Engenho Novo buscará, simplesmente, fazer uma autobiografia sua, utilizando inclusive para essa concretização a reprodução do ambiente de sua infância e juventude, representada na casa de Matacavalos. No entanto, logo veremos que toda essa representação não passará de um expediente que revelará um quadro de ciúme doentio, beirando mesmo a uma psicopatologia. Isso fica claro quando se propõe a nos demonstrar sua lisura, enquanto homem de bem, membro de uma classe social dominadora em uma sociedade patriarcal. Para isso, empregará todos os meios narrativos de que dispõe para alijar-se de seus complexos que o levaram à infelicidade em sua vida pessoal, cujo aspecto externo mais preeminente foi a destruição de seu casamento.

Podemos dizer que as raízes de seu mal remonta-se a sua infância em Matacavalos, mais especificamente a segunda gestação de D. Glória, sua mãe, que, ao perder o primeiro filho, desespera-se e investe tudo para que o segundo rebento vingasse e, para isso, vale-se dos céus: promete entregar o filho ao sacerdócio se o mesmo fosse um varão.

(...) Minha mãe era temente a Deus; sabes disto, e das suas práticas religiosas, e da fé pura que as animava. Nem ignoras que a minha carreira eclesiástica era objeto de promessa feita quando fui concebido. Tudo está contado oportunamente. Outrossim, sabes que, para o fim de apertar o vínculo moral da obrigação, confiou os seus projetos e motivos a parentes e familiares. A promessa, feita com fervor, aceita com misericórdia, foi guardada por ela, com alegria, no mais íntimo do coração. Penso que lhe senti o sabor da felicidade no leite que me deu a mamar. Meu pai, se vivesse, é possível que alterasse os planos, e, como tinha a vocação da política, é provável que me encaminhasse somente à política, embora os dois ofícios não fossem nem sejam inconciliáveis, e mais de um padre entre na luta dos partidos e no governo dos homens. Mas meu pai morreria sem saber nada, e ela ficou diante do contrato, como única devedora. (Assis, Machado. D. Casmurro. São Paulo, Ática, 1995, p. 113)

O menino torna-se motivo de temores e desejos antes mesmo de nascer. Ainda em sua infância, por volta dos três anos, falece o pai. Bento perde, dessa forma, a representação da figura paterna, fundamental na formação, no desenvolvimento e construção moral, social, emocional e psicológica da criança. Isso pode trazer algumas implicações: ou a criança torna-se aversiva às ordens dadas por representantes femininos, ou leva-a a ver na figura materna algo além de seu paradigma, configurando-se inclusive uma situação edipiana, já que é a figura do pai que quebrará a simbiose mãe-bebê.

Os projetos vinham do tempo em que fui concebido. Tendo-lhe nascido morto o primeiro filho, minha mãe pegou-se com Deus para que o segundo vingasse, prometendo, se fosse varão, metê-lo na igreja. Talvez esperasse uma menina. Não disse nada a meu pai, nem antes, nem depois de me dar à luz; contava fazê-lo quando eu entrasse para a escola, mas enviuvou antes disso. Viúva, senti o terror de separar-se de mim; mas era tão devota, tão temente a Deus, que buscou testemunhas da obrigação, confiando a promessa a parentes e familiares. Unicamente, para que nos separássemos o mais tarde possível, fez-me aprender em casa primeiras letras, latim e doutrina, por aquele padre Cabral, velho amigo do tio Cosme, que ia lá jogar às noites. (op. cit. pp. 25-26)

Para piorar ainda mais a situação de nosso protagonista-narrador, havia naquele ambiente doméstico um ambiente propício para o ócio, devido ao grande número de escravos que orbitavam em torno do futuro senhor.

Estávamos na horta da minha casa, e o preto andava em serviço; chegou-se a nós e esperou.

— É casado, disse eu para Escobar. Maria onde está?

— Está socando milho, sim, senhor.

— Você ainda se lembra da roça, Tomás?

— Alembra, sim, senhor.

— Bem, vá-se embora.

Mostrei outro, mais outro, e ainda outro, este Pedro, aquele José, aquele outro Damião...

— Todas as letras do alfabeto, interrompeu Escobar.

Com efeito, eram diferentes letras, e só então reparei nisto; apontei ainda outros escravos, alguns com os mesmos nomes, distinguindo-se por um apelido, ou da

peessoa, como João Fulo, Maria Gorda, ou de nação como Pedro Benguela, Antônio Moçambique...

— E estão todos aqui em casa? perguntou ele.

— Não, alguns andam ganhando na rua, outros estão alugados. Não era possível ter todos em casa. Nem são todos os da roça; a maior parte ficou lá. (op. cit. p. 127)

Bentinho, portanto, crescera sozinho numa casa cercada de adultos, muitos dos quais recalçados. Torna-se, dessa forma, um menino introvertido e sonhador, cujos devaneios misturavam-se com a realidade.

Em caminho, encontramos o Imperador, que vinha da Escola de Medicina. O ônibus em que íamos parou, como todos os veículos; os passageiros desceram à rua e tiraram o chapéu, até que o coche imperial passasse. Quando tornei ao meu lugar, trazia uma idéia fantástica, a idéia de ir ter com o Imperador, contar-lhe tudo e pedir-lhe a intervenção. Não confiaria esta idéia a Capitu. "Sua Majestade pedindo, mamãe cede", pensei comigo.

Vi então o Imperador escutando-me, refletindo e acabando por dizer que sim, que iria falar a minha mãe; eu beijava-lhe a mão, com lágrimas. E logo me achei em casa, à esperar, até que ouvi os batedores e o piquete de cavalaria; é o Imperador! é o Imperador! toda a gente chegava às janelas para vê-lo passar, mas não passava, o coche parava à nossa porta, o Imperador apeava-se e entrava. Grande alvoroço na vizinhança: "O Imperador entrou em casa de D. Glória! Que será? Que não será?" A nossa família saía a recebê-lo; minha mãe era a primeira que lhe beijava a mão. Então o Imperador, todo risonho, sem entrar na sala ou entrando, — não me lembra bem, os sonhos são muita vez confusos, — pedia a minha mãe que me não fizesse padre, — e ela, lisonjeada e obediente, prometia que não. (op. cit. pp. 48-49)

Há, de forma semelhante, uma inconstância nos humores do menino de Matacavalos, reflexo de seus devaneios e de sua imaturidade frente a seus sentimentos. Estes oscilam entre a alegria histérica e um tristeza profunda, mas sem aparente — para aqueles que o observam — razão.

(...) O vigário confessou a doente, deu-lhe a comunhão e os santos óleos. O pranto da moça redobrou tanto que senti os meus olhos molhados e fugi. Vim para perto de uma janela. Pobre criatura! A dor era comunicativa em si mesma; complicada da lembrança de minha mãe, doeu-me mais, e, quando enfim pensei em Capitu, senti um ímpeto de soluçar também, enfiei pelo corredor, e ouvi alguém dizer-me:

— Não chore assim!

A imagem de Capitu ia comigo, e a minha imaginação, assim como lhe atribuíra lágrimas, há pouco, assim lhe encheu a boca de riso agora; vi-a escrever no muro, falar-me, andar à volta, com os braços no ar; ouvi distintamente o meu nome, de uma doçura que me embriagou, e a voz era dela. As tochas acesas, tão lúgubres na ocasião, tinham-me ares de um lustre nupcial... Que era lustre nupcial? Não sei; era alguma coisa contrária à morte, e não vejo outra mais que bodas. Esta nova sensação me dominou tanto que José Dias veio a mim, e me disse ao ouvido, em voz baixa:

— Não ria assim!

Fiquei sério depressa. Era o momento da saída.(...) (op. cit. pp. 51-52)

Por estar centrado em um mundo infantil, exteriorizado não só pela fecundidade de suas fantasias, as quais mesclavam com a realidade, o despertar de sua sexualidade foi tardio. Essa

lenta descoberta, faz com o narrador apresente-se menos capaz, inclusive, que a vizinha. Diminui-se, vê sua inferioridade, apela para ela.

Capitu quis que lhe repetisse as respostas todas do agregado, as alterações do gesto e até a pirueta, que apenas lhe contara. Pedia o som das palavras. Era minuciosa e atenta; a narração e o diálogo, tudo parecia remoer consigo. Também se pode dizer que conferia, rotulava e pregava na memória a minha exposição. Esta imagem é porventura melhor que a outra, mas a ótima delas é nenhuma. Capitu era Capitu, isto é, uma criatura muito particular, mais mulher do que eu era homem. Se ainda o não disse, aí fica. Se disse, fica também. Há conceitos que se devem incutir na alma do leitor, à força de repetição. (op. cit. p. 52)

O amalgamento de todos esses sentimentos – a inconstância em seu humor, a exteriorização de seus devaneios, sua imaturidade frente a seus sentimentos, a timidez, a constante oscilação entre a alegria histérica e um tristeza profunda – servirão de suporte para o sentimento síntese da obra: o ciúme.

Este será expresso em todo o decorrer da obra ora por fatos, aparentemente, insignificantes, ora por meio de fatos marcantes, demonstrando a crescente e constante paranoia do narrador. Essa já lhe era latente, é possível discenir isso ao vermos o liame entre imaginação, fantasia, quando sua crença e certeza torna-se vagas e imprecisas e aquilo que eram dúvidas podem transformar-se em ideias supervalorizadas ou delirantes.

a) Quando na visita de José Dias ao seminário:

– *Capitu como vai?*

(...)

– *Tem andado alegre, como sempre; é uma tontinha. Aquilo, enquanto não pegar algum peralta da vizinhança, que case com ela...*

Estou que empalideci; pelo menos, senti correr um frio pelo corpo todo. A notícia de que ela vivia alegre, quando eu chorava todas as noites, produziu-me aquele efeito, acompanhado de um bater de coração, tão violento, que ainda agora cuido ouvi-lo. Há alguma exageração nisto; mas o discurso humano é assim mesmo, um composto de partes excessivas e partes diminutas, que se compensam, ajustando-se. Por outro lado, se entendermos que a audiência aqui não é das orelhas, senão da memória, chegaremos à exata verdade. A minha memória ouve ainda agora as pancadas do coração naquele instante. (op. cit. pp. 93-94)

b) Devido ao dandy sob a janela de Capitu:

Escapei ao agregado, escapei a minha mãe não indo ao quarto dela, mas não escapei a mim mesmo. Corri ao meu quarto, e entrei atrás de mim. Eu falava-me, eu perseguia-me, eu atirava-me à cama, e rolava comigo, e chorava, e abafava os soluços com a ponta do lençol. Jurei não ir ver Capitu aquela tarde, nem nunca mais, e fazer-me padre de uma vez. Via-me já ordenado, diante dela, que choraria de arrependimento e me pediria perdão, mas eu, frio e sereno, não teria mais que desprezo, muito desprezo; voltava-lhe as costas. Chamava-lhe perversa. Duas vezes dei por mim mordendo os dentes, como se a tivesse entre eles.

Da cama ouvi a voz dela, que viera passar o resto da tarde com minha mãe, e naturalmente comigo, como das outras vezes; mas, por maior que fosse o abalo que me deu, não me fez sair do quarto. Capitu ria alto, falava alto, como se me avisasse; eu continuava surdo, a sós comigo e o meu desprezo. A vontade que me dava era cravar-lhe as unhas no pescoço, enterrá-las bem, até ver-lhe sair a vida com o sangue... (op. cit. p. 109)

c) Durante os bailes:

(...) Na Glória era uma das nossas recreações; também cantava, mas pouco e raro, por não ter voz; um dia chegou a entender que era melhor não cantar nada e cumpriu o alvitre. De dançar gostava, e enfeitava-se com amor quando ia a um baile; os braços é que... Os braços merecem um período.

Eram belos, e na primeira noite que os levou nus a um baile, não creio que houvesse iguais na cidade, nem os seus, leitora, que eram então de menina, se eram nascidos, mas provavelmente estariam ainda no mármore, donde vieram, ou nas mãos do divino escultor. Eram os mais belos da noite, a ponto que me encheram de desvanecimento. Conversava mal com as outras pessoas, só para vê-los, por mais que eles se entrelaçassem aos das casacas alheias. Já não foi assim no segundo baile; nesse, quando vi que os homens não se fartavam de olhar para eles, de os buscar, quase de os pedir, e que roçavam por eles as mangas pretas, fiquei vexado e aborrecido. Ao terceiro não fui, e aqui tive o apoio de Escobar, a quem confiei candidamente os meus tédios; concordou logo comigo. (op. cit. pp. 140-141)

d) Durante o enterro de Escobar:

Enfim, chegou a hora da encomendação e da partida. Sancha quis despedir-se do marido, e o desespero daquele lance consternou a todos. Muitos homens choravam também, as mulheres todas. Só Capitu, amparando a viúva, parecia vencer-se a si mesma. Consolava a outra, queria arrancá-la dali. A confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas...

As minhas cessaram logo. Fiquei a ver as dela; Capitu enxugou-as depressa, olhando a furto para a gente que estava na sala. Redobrou de carícias para a amiga, e quis levá-la; mas o cadáver parece que a retinha também. Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã. (op. cit. pp. 160-161)

Um simples olhar selará toda a história de uma tentativa de felicidade do narrador. Não temos diante de nós, no entanto, um mero olhar mas um de ressaca. Não havia mais dúvidas da infidelidade da mulher, pois a prova final – em sua visão paranóica – despontou-se ali no velório de seu melhor amigo, também ele tragado pela ressaca.

— O mar amanhã está de desafiar a gente, disse-me a voz de Escobar, ao pé de mim.

— Você entra no mar amanhã?

— Tenho entrado com mares maiores, muito maiores. Você não imagina o que é um bom mar em hora bravia. É preciso nadar bem, como eu, e ter estes pulmões, disse ele batendo no peito, e estes braços; apalpa. (op. cit. p. 157)

(...)

Ouvia-se o mar forte, — como já se ouvia de casa, — a ressaca era grande e, a distância, viam-se crescer as ondas. Capitu e prima Justina, que iam adiante, detiveram-se numa das voltas da praia, e fomos conversando os quatro; mas eu conversava mal. Não havia meio de esquecer inteiramente a mão de Sancha nem os olhos que trocamos. (op. cit. pp. 157-158)

A partir desse momento, sua vida e de sua família viram um inferno: ignora a mulher, sente repulsa pelo filho. A idéia de suicídio faz-se presente a todo momento, chega mesmo a comprar veneno e a escrever cartas de despedida:

Cheguei a casa, abri a porta devagarinho, subi pé ante pé, e meti-me no gabinete; iam dar seis horas. Tirei o veneno do bolso, fiquei em mangas de camisa, e escrevi ainda uma carta, a última, dirigida a Capitu. Nenhuma das outras era para ela; senti necessidade de lhe dizer uma palavra em que lhe ficasse o remorso da minha morte. Escrevi dois textos. O primeiro queimei-o por ser longo e difuso. O segundo continha só o necessário, claro e breve. Não lhe lembrava o nosso passado, nem as lutas havidas, nem alegria alguma; falava-lhe só de Escobar e da necessidade de morrer. (op. cit. p. 171)

Ao assitir a Otelo enxerga-se no mesmo e vê que não ele é que tinha de morrer, mas Capitu. Faz, também ele, de seus momentos uma peça de teatro em que se torna ator, um mero coadjuvante que tem de representar papéis que não o seu próprio:

O meu plano foi esperar o café, dissolver nele a droga e ingeri-la. Até lá, não tendo esquecido de toda a minha história romana, lembrou-me que Catão, antes de se matar, leu e releu um livro de Platão. Não tinha Platão comigo; mas um tomo truncado de Plutarco, em que era narrada a vida do célebre romano, bastou-me a ocupar aquele pouco tempo, e, para em tudo imitá-lo, estirei-me no canapé. Nem era só imitá-lo nisso; tinha necessidade de inculcar em mim a coragem dele, assim como ele precisara dos sentimentos do filósofo, para intrepidamente morrer. (op. cit. p. 172)

Mas, diante de seus devaneios e inconstância, eis que surge a figura do filho diante de si, o fruto do pecado de sua mulher e de seu melhor amigo, Ezequiel. Ele é que deveria perecer:

Ezequiel abriu a boca. Cheguei-lhe a xícara, tão trêmulo que quase a entornei, mas disposto a fazê-la cair pela goela abaixo, caso o sabor lhe repugnasse, ou a temperatura, porque o café estava frio... Mas não sei que senti que me fez recuar. Pus a xícara em cima da mesa, e dei por mim a beijar doidamente a cabeça do menino. (op. cit. p. 173)

Apesar de não ter-lhe dado o veneno mortal, deu-lhe um bem pior: o moral, o da destruição, o mesmo amargor que tivera de carregar durante toda a vida, quando seu filho na alegria dos beijos recebidos exclama pelo pai:

- *Papai! papai! exclamava Ezequiel.*
- *Não, não, eu não sou teu pai! (op. cit. p. 173)*

Capitu ouvira a conversa entre os dois. Estupefata diante dessa acusação, nada mais lhe restaria a não ser a separação. Mas antes expõe ao marido a que ponto chega a loucura de seu ciúme:

- *Pois até os defuntos! Nem os mortos escapam aos seus ciúmes! (op. cit. p. 175)*

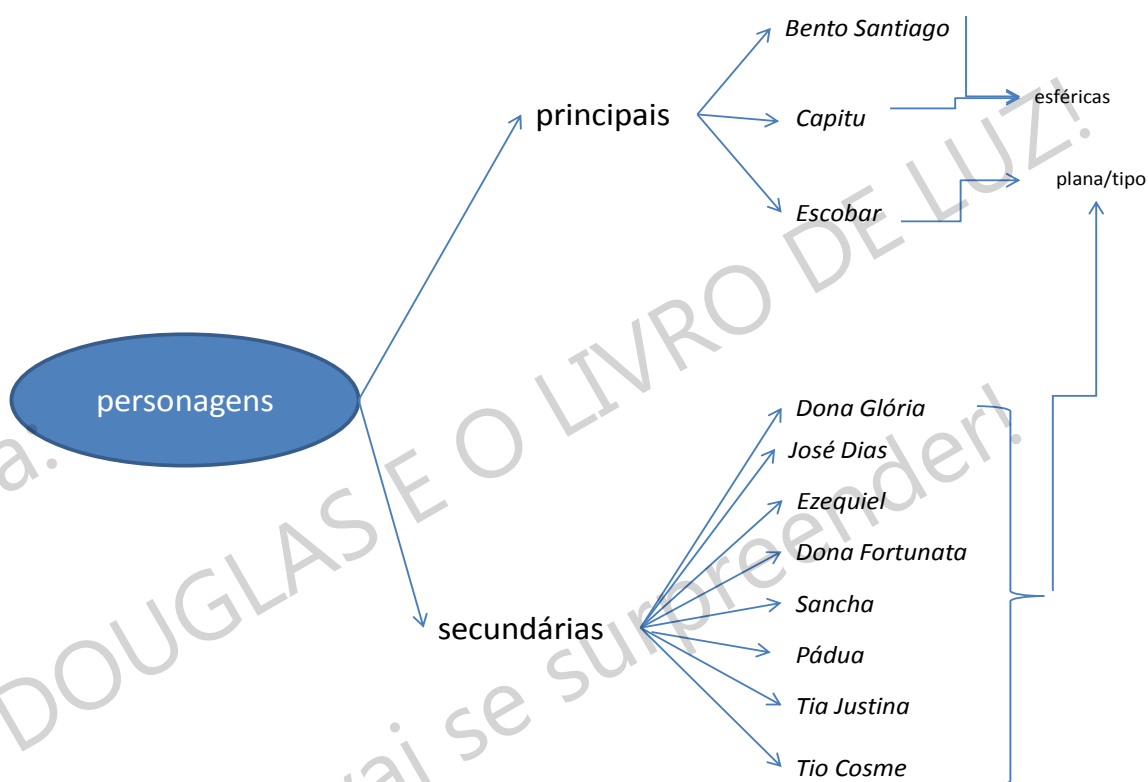
Resta ainda ao narrador manter as aparências diante da sociedade, por isso viaja com a mulher e o filho para a Suíça, porém os deixa ali. O tempo passa e mal responde as cartas enviadas. Capitu foi apagada de sua vida, mas não o ciúme que sentia por ela, pois esse se avivou com a visita do filho que viera da Europa.

É nesse momento que cita a morte da mulher, mas apenas dedicou-lhe apenas algumas linhas no romance a esse respeito. O mesmo se dá com Ezequiel que acaba morrendo na Palestina.

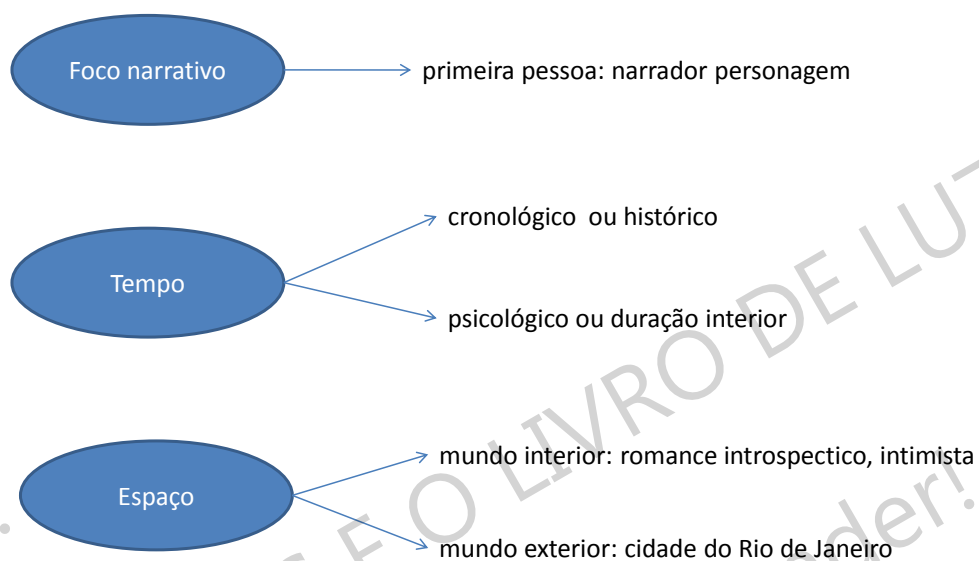
Resta a pergunta: diante do abordado, vale a pena insistir em perguntar se Capitu traiu ou não a Bentinho?

O fio do machado está afiado, por isso o menino nascido no Morro do Livramento conseguiu como poucos quebrar certos paradigmas, revelar um retrato moral de sua época, num trabalho de perfeição estética, empregado as palavras – ou sua ausência – de maneira magistral não empregando o lugar-comum, mas mostrando que também era possível fazer literatura refinada num país periférico como o Brasil.

Personagens



Outros pontos:



Leia: DOUGLAS É O LIVRO DE LUZ!
Você vai se surpreender!